

Revista da Semana: voto, feminismo e histórias – análises teóricas e metodológicas da pesquisa em impressos¹

Revista da Semana: vote, feminism and histories – theoretical and methodological analyses of research in print media

Talita Gonçalves Medeiros²

RESUMO: O presente artigo possui como finalidade analisar de que modo a Revista da Semana, entre os anos de 1900 a 1959, constituiu modelos de mulheres modernas da elite como resposta ao avanço das reivindicações sufragistas e feministas. Parte integrante do conjunto de fontes que compõem a pesquisa de pós doutorado que encontra-se em andamento na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), a Revista da Semana, que sob orientação teórico-metodológico dos Estudos de Gênero, apresenta ao longo do seus 60 anos de publicações semanais, possibilidades de estudos que contemplam as esferas socioeconômicas, políticas e culturais, tanto do Brasil quanto do exterior, quanto à apreensão de como foram elaborados modelos de mulheres modernas da elite. A justificativa para empreender este estudo, em especial, esse recorte na pesquisa como um todo, se dá, principalmente, pela afirmação de Juner Hahner (2003, p.22) quando comenta: “a resistência masculina ao voto feminino mostrou-se difícil de contra-atacar. Grande parte da oposição centrava-se na concepção da soberania dos homens sobre a família e dos tradicionais deveres das mulheres”. Neste sentido, a família centrada no poder patriarcal, exibia de forma clara e evidente suas divisões tradicionais e, a presença de uma ameaça feminista, que poderia inverter os papéis sociais, causou grande sobressalto. A imprensa da época, tendo principalmente homens como escritores e redatores, dedicaram-se cada vez mais, em seus impressos, a veiculação e o reforço do “verdadeiro” papel da mulher de elite na sociedade. É justamente com essa proposta que surge a Revista da Semana. O periódico, que aparentemente possuía uma posição conservadora em relação ao sufrágio feminino, condenava as ações mais efetivas e efervescentes das mulheres na luta pelos seus direitos. Como resposta a esses avanços, a Revista da Semana imprimia em suas páginas modelos de comportamentos adequados às mulheres de elite, impondo limites e restrições sobre conhecimento, leitura e sociabilização. Sendo assim, compreender como ocorreram essas ações e como

¹ Artigo resultante como parte integrante da pesquisa de pós doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em História na Universidade Estadual de Montes Claros – Bolsista Capes

² Pós Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – E mail: tgmhistoria@gmail.com

se deram as escolhas para as criações dos padrões corporais, de princípios comportamentais e de representações dos valores sociais, tidos como corretos e veiculados pelo periódico entre os anos de 1900 a 1959, que motiva e justifica a importância da realização deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Sufrágio. Revista da Semana. Rio de Janeiro

ABSTRACT: The present article aims to analyze how *Revista da Semana*, between the years 1900 and 1959, constructed models of modern elite women as a response to the advance of suffragist and feminist demands. As an integral part of the set of sources that compose an ongoing postdoctoral research project at the State University of Montes Claros (UNIMONTES), *Revista da Semana*, under the theoretical-methodological guidance of Gender Studies, presents throughout its 60 years of weekly publications possibilities for studies that encompass the socioeconomic, political, and cultural spheres of both Brazil and abroad, with regard to understanding how models of modern elite women were elaborated. The justification for undertaking this study, especially this specific focus within the broader research, lies primarily in the statement by June Hahner (2003, p. 22), when she observes: “male resistance to women’s suffrage proved difficult to counteract. Much of the opposition centered on the conception of male sovereignty over the family and the traditional duties of women.” In this sense, the family centered on patriarchal power clearly and evidently displayed its traditional divisions, and the presence of a feminist threat, which could invert social roles, caused great alarm. The press of the period, composed mainly of male writers and editors, increasingly devoted itself, through its printed materials, to the dissemination and reinforcement of the “true” role of elite women in society. It is precisely with this purpose that *Revista da Semana* emerged. The periodical, which apparently held a conservative position regarding women’s suffrage, condemned the more effective and fervent actions of women in the struggle for their rights. In response to these advances, *Revista da Semana* printed in its pages models of behavior deemed appropriate for elite women, imposing limits and restrictions on knowledge, reading, and sociability. Thus, understanding how these actions took place and how choices were made in the creation of bodily standards, behavioral principles, and representations of social values—considered correct and disseminated by the periodical between 1900 and 1959—motivates and justifies the importance of carrying out this study.

KEYWORDS: Feminism. Suffrage. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro.

1. Introdução

Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados (Simone de Beauvoir)

O movimento feminista, surgiu na Europa, entre o final do século XIX e início do século XX. Dentre os objetivos que possuía, a luta por questões jurídicas, principalmente, o direito ao voto das mulheres, era sua principal reivindicação. Este movimento chamado de “primeira onda”, logo, ficou conhecido mundialmente. No Brasil, algumas mulheres ficaram conhecidas por fazer parte da luta feminista e sufragista, tais como, Nísia Floresta Brasileira Augusta, com a publicação de livros, por exemplo, *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832) e *Conselhos à minha filha* (1841), e em especial, Bertha Lutz, fundadora da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, que logo se tornou o nome de referência sobre as lutas pelos direitos das mulheres.

Neste período, ainda no exterior, mídias impressas divulgavam as inúmeras atividades realizadas pelas mulheres em prol de seus direitos. No Brasil, alguns impressos, do mesmo modo, publicaram as manifestações, passeatas e movimentos das feministas, dentre eles, a Revista da Semana. O periódico que circulou na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 a 1959, aborda de forma ocasional e breve os protestos, ora de forma irônica, ora de forma cômica, desqualificando a luta das mulheres.



Figura 1



Figura 2

Nas imagens acima, podemos visualizar o modo como o periódico mencionava e, de certo modo, provocava seus leitores e leitoras acerca da luta sufragista. Na primeira ilustração, que data de 01 de dezembro de 1901, intitulada “a última mania do feminismo”, é possível perceber que várias pessoas executam atividades domésticas, como lavar, passar, varrer, dentre outras atividades inerentes ao lar. Nota-se na imagem, a presença de homens executando algumas dessas atividades e não apenas mulheres, como comumente seria retratado. A imagem ironiza, provoca o leitor e a leitora justamente com essa mensagem: a última mania do feminismo é homens realizando trabalhos domésticos. O lugar antes ocupado somente por mulheres, passa a ser espaço de exercícios dos homens, ou seja, o movimento feminista e sufragista deseja uma inversão dos papéis. É exatamente o que se apresenta na imagem posterior. A figura mostra um homem com um bebê no colo, logo abaixo, a legenda diz: “Quem me mandou pregar a liberdade feminina em conferência de solteiro? [...] Enquanto a mulher fala às massas em favor das moças, fico eu com a massa da phospatina para o pequeno”, ou seja, enquanto a mulher está no ambiente público discursando sobre seus direitos, o homem que cuida dos filhos, no lar.

Fundada por Álvaro de Teffé, na cidade do Rio de Janeiro em 1900, a Revista da Semana possuía como objetivo, conforme anunciado em sua primeira edição, “oferecer ao público notas interessantes e ilustrações” (Dantas, s/d, p.1). Com uma mudança editorial no ano de 1915, o periódico alterou sua abordagem inicial, e passou a direcionar ainda mais sua atenção para o público feminino. Sob a direção de Carlos Malheiro Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão, foram criadas duas novas seções, o “Jornal das Famílias”, que trazia assuntos sobre moda, costumes e bordados, a vida no lar, receitas e conselhos práticos, economia doméstica, higiene e beleza, alimentação, dentre vários outros, e a coluna conhecida como “Consultório da Mulher”, espaço dedicado às respostas das cartas enviadas pelas leitoras da revista. A criação de duas novas sessões, em especial, às mulheres, com temas voltados para famílias e conselhos para elas, indica uma possível tentativa da Revista da Semana em constituir modelos de mulheres modernas da elite como resposta ao avanço das reivindicações sufragistas e feministas.

É a partir dessas inquietações, que no presente artigo, busca-se compreender, de que modo a Revista da Semana, entre os anos de 1900 a 1959, constituiu modelos de mulheres modernas da elite³ como resposta ao avanço das reivindicações sufragistas e feministas. Para tal, tomamos como base teórica os estudos de Gênero, nomeadamente com os estudos de Joana Maria Pedro (2011), Judith Butler (2012) e a abordagem metodológica através dos estudos de Teresa de Lauretis (2019). A escolha destas abordagens teórico-metodológicos, justifica-se, por compreender a Revista da Semana como um material de análise científica em seu conjunto, portanto, passível de reflexões acerca dos estudos das relações de gênero através dos usos da linguagem, tais como, campanhas publicitárias, artigos, charges, fotografias, dentre outras, uma vez que percebendo-as como discurso, busco compreender como o periódico

³ Segundo Taborda (2012, p. 94) se configura como mulher da elite, a mulher que “possuísse educação básica, amplo conhecimento em música e literatura, portanto, que tivesse tempo livre para essas atividades, bem como para a prática de esportes. Uma mulher que não precisasse trabalhar todo dia para garantir o sustento de sua família ou que precisasse se ocupar diretamente com o cuidado dos filhos, logo uma mulher da elite”.

buscava constituir modelos de mulheres modernas da elite como resposta ao avanço das reivindicações sufragistas e feministas.

2. A *Revista da Semana*: potencialidades da pesquisa histórica em fontes impressas

O movimento feminista, no final do século XIX e início do século XX, no exterior, alcançava, talvez, sua potência máxima com a promoção de protestos e passeatas. Como exemplo, é possível citar, a movimentação das feministas e sufragistas no ano de 1908, em Nova York, onde cerca de 15 mil mulheres marcharam nas ruas em busca da redução no horário de trabalho, melhores salários e direito ao voto.

Conforme June Hahner (2003, p. 165) “a resistência masculina ao voto feminino mostrou-se difícil de contra-atacar. Grande parte da oposição centrava-se na concepção da soberania dos homens sobre a família e dos tradicionais deveres das mulheres”. A família, centrada no poder patriarcal, exibia de forma clara e evidente suas divisões. Público e privado, encontravam-se em esferas distintas, assim como, a finalidade da educação para homens e mulheres da elite no final do século XIX e início do século XX.

Para elas, a educação elucidativa, que as destinava ao seu lugar “natural”, o lar. Essa mesma educação também aconselhava modelos comportamentais que deveriam ser seguidas pelas mulheres, tais como: bons modos, uma conduta moral correta e de acordo com as ordens vigentes, a suavidade nas expressões em gestos, como portar-se diante dos demais, hábitos de asseio pessoal, práticas de leitura autorizada e, por fim, um abrandamento nas pulsões, como forma de regular as disposições, atitudes e as sensibilidades.

Todas essas disposições eram mantidas e continuamente reforçadas pelo meio social da época. O discurso utilizado pelos veículos de comunicação deste período, como jornais, revistas e folhetins, influenciaram de modo direto na produção da subjetividade e nas construções identitárias. Este modelo de mulher de elite a ser seguido e considerado como “adequado” estava cada vez

mais exigente e rigoroso, visto que, como já salientado, a presença de uma possível ameaça feminista e sufragista que poderia inverter os papéis sociais, causou grande sobressalto em escritores e redatores homens do período, fazendo-os cada vez mais em seus impressos, veicular e reforçar o “verdadeiro” papel da mulher na sociedade.

Esta tentativa de hegemonia social masculina sobre a feminina, através das relações de gênero⁴, presentes nesse investimento de controle e submissão, fez com que as publicações sobre ideais de casamento, amor, cuidados com o corpo, princípios da civilidade e urbanidade, moralidade, ordem e distinção social, fossem cada vez mais instigados, ou seja, o uso da linguagem, nesta análise, pode nos revelar aquilo que Michelle Perrot (2005, p. 460) chamou de uso do discurso paralelo e simultâneo da utilidade social de gênero, uma vez que esses ideais assumiram quase que por completo as páginas das revistas, jornais e folhetins da época.

Não podemos esquecer que a Revista da Semana, comandada por homens em todo seu período de circulação, ao que tudo indica, não agiu de modo diferente, pelo contrário, investiu e se dispôs, a servir como vetor e sistema de valor moral às mulheres da cidade do Rio de Janeiro. Compreender a Revista da Semana como uma das ferramentas para a consolidação dos códigos morais e sociais, que através de inúmeras combinações pedagógicas – rejeição ao feminismo de um lado e reforço a um modelo de feminilidade de outro, através do uso da linguagem performática de gênero, como salientou Judith Butler (2012) – permitiu aos redatores, editores e escritores do final do século XIX e início do século XX, uma significativa contribuição na iniciativa de constituição e consolidação do indivíduo moderno, direcionando para elas, e para os demais, condutas aceitáveis das mulheres da elite em espaços públicos e/ou privados.

⁴ Relações de gênero, podem ser interpretados como relações de poder, conforme Joana Maria Pedro (2011, p.273) pois “falar de gênero significava deixar de focalizar na “mulher” ou nas “mulheres”; tratava-se de relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre homens. Nessas relações, o gênero se constituiria”.

Assim sendo, é possível afirmar que houveram tentativas de hegemonia e dominação masculina sobre a feminina, no final do século XIX e ao longo do século XX. Tentativas essas que ocorreram através de ações concretas e de usos de linguagem verbais e não verbais que buscam na estética do comportamento social, que mesmo sendo fruto de iniciativas individuais, resultaram em ações coletivas, dentre elas, as prescrições de regras, condutas e valores na criação de modelos de mulheres modernas de elite.

A pesquisa de pós doutoramento que encontra-se em andamento na Universidade Estadual de Montes Claros, através do Programa de Pós Graduação em História, busca de um modo em geral, compreender como ocorreram essas ações e como se deram as escolhas para as criações dos padrões corporais, dos princípios comportamentais e dos usos da linguagem nestas manifestações, em especial, entre os anos de 1900 a 1959. É sabido e ciente que periódicos são comumente utilizados como fonte de pesquisa histórica e a Revista da Semana, não é uma exceção. Utilizada em pesquisas acadêmicas, a Revista da Semana, já foi destaque como fonte em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Dissertações e Teses, contudo, o que denota a originalidade da pesquisa de pós doutoramento, e em especial a escrita deste artigo, é a análise na sua totalidade, ou seja, os 60 anos de publicação da Revista da Semana em estudo conjuntamente com o movimento feminista e sufragista no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, esse caminho realizado indica uma originalidade na pesquisa.

Este hiato localizado no site da CAPES⁵, de pesquisas científicas que contemplam a Revista da Semana de 1900 a 1959 e a sua relação com o movimento feminista e sufragista indica um campo em aberto de pesquisa que pode ser contemplado com tal investigação, portanto, o que justifica a importância da realização da pesquisa de pós doutoramento, bem como, da escrita deste artigo. Portanto, a investigação potencialmente contribui com a História do Brasil, com pesquisas sobre o movimento feminista e sufragista, com os estudos de Gênero e sobre a História dos periódicos. Além disso,

⁵ <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php>

contempla também os estudos críticos sobre a construção de modelos binários sociais, das performances de gênero através do uso da linguagem verbal e não verbal, corroborando nas investigações que abordam as relações entre corpo, representação, linguagem e gênero, que a cada novo olhar ressurgem dentro de seus significados e importância, nas pesquisas históricos com uso de fontes impressas, em especial, na escrita aqui desenvolvida, com a fonte Revista da Semana.

Além do exposto, a análise da totalidade dos 60 anos da Revista da Semana, também possibilita caminhos e trajetórias de investigações nas esferas socioeconômica, políticas e culturais, tanto do Brasil quanto do exterior, quanto à apreensão de como foram elaborados os modelos de mulheres modernas da elite através da revista em estudo. A fonte encontra-se integralmente digitalizada no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁶, mas por motivos de resguardo da fonte, foi realizado o *download* de todos os exemplares semanais⁷, dos anos de 1900 a 1959, devidamente alocados em um *pen drive* e brevemente separados em pastas por ano, por mês e edição.

A Revista da Semana, examinada em sua totalidade, indica um considerável aumento em seu número de páginas ao longo dos anos. Inicialmente o impresso circulava com oito páginas, mas atingiu, no final do seu período de circulação, o total de 68 páginas. Do mesmo modo, é possível atentar para a crescente presença de campanhas publicitárias sobre medicamentos, produtos de beleza, roupas e acessórios às mulheres, bem como, o aumento considerável de páginas destinadas à senhoras (em especial as de elite) com discursos sobre a harmonia do lar, o trato com os/as filhos/as e marido, e ainda, várias passagens sobre alimentação e higiene à família. Além disso, outros diversos textos salientavam a importância do casamento, do amor, da maternidade e, que, juntamente com publicações que repudiavam o movimento feminista e sufragista, denotavam como a presença da mulher/mãe/esposa no lar, era essencial. A Revista da Semana, ainda

⁶ <https://www.gov.br/bn/pt-br>

⁷ Como prevenção de instabilidade de internet ou problemas com o site quando necessário a consulta, foi realizada essa ação como forma de prevenção e uso das fontes quando desejado.

apresentava sessões de aconselhamento e resposta de cartas enviadas pelas leitoras, que ao que tudo indica, foi intensificado ao longo do período de circulação do periódico de modo proporcional ao avanço do movimento feminista e sufragista.

3. Entre a fonte e a teoria: análises teórico-metodológico da Revista da Semana

Após as análises e estudos da fonte, a abordagem teórica tem como base os estudos de Gênero, em especial, com textos de Joana Maria Pedro (2011) e Judith Butler (2012) já a abordagem metodológica será conduzida pelos escritos de Teresa de Lauretis (2019). Compreendendo a Revista da Semana como um documento histórico, localizado e datado, e portanto, passível de análise científica em seu conjunto e acreditando na importância de estudos acerca das relações de gênero, as escolhas teórico-metodológicas, justificam-se uma vez que:

no sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meios de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também na de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez, de um único, e contraditório em vez de simplesmente dividido (Lauretis, 2019, p. 2008).

Em outras palavras, a Revista da Semana pode ser entendida como um instrumento da tecnologia de gênero. Em suma, a tecnologia de gênero trata do processo de encontro entre a ciência e a engenharia de fabricação das normas produzidas pela linguagem, pela formação binária e pela representação social de homens e mulheres. Portanto, não é o sexo e nem o gênero que regula as representações sociais, é a relação entre ambos como modo de assegurar o convívio complementar, mas excludente, formados dentro de cada cultura através das relações entre o feminino e o masculino, gerando um sistema de gênero, e, portanto relações de poder (Pedro, 2011), e assim, consequentemente, um sistema de significações culturais com valores e hierarquias sociais. É isso que a Revista da Semana valida em suas páginas. No periódico em análise, é

possível identificar as tecnologias de gênero na criação de valores e hierarquias em ambientes, espaços, tarefas e modelos destinadas a homens e mulheres, seja através da diagramação de textos e imagens ao longo das páginas da revista, da oferta de produtos, da comercialização, dos objetos e dos espaços destinados a cada novo conteúdo, nos usos das imagens de campanhas publicitárias, artigos, charges e/ ou fotografias.

Desta forma, é possível afirmar que a linguagem utilizada pela/na revista, revela essa fusão entre a criação e a divulgação de modelos sociais femininos e masculinos, na relação sexo/gênero, como afirma Judith Butler (2012). Lauretis (2019), também identifica essas ações como práticas ligadas ao formato e ao uso social da linguagem na criação e na incorporação de hábitos, associações, percepções e disposições, uma vez que, a representação do gênero, segundo ela, torna-se a sua própria construção, na medida em que a sociedade evolui, ou seja, a construção do gênero torna-se ininterrupta e as iniciativas de “desconstrução” do gênero, criam novas relações de poder e modelos sociais aceitáveis para homens e mulheres.

Sendo pertinente, destaca-se uma reflexão de Michel Foucault (Foucault, 1996, p. 6), em especial, sobre o discurso que incide e possibilita essas questões: segundo ele, para que haja um discurso, é necessário que 3 ações: desejo, rituais e a instituição: 1º) desejo: o conhecimento da palavra dita, pronunciada, aquilo que cerca o sujeito: “é preciso continuar, é pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam...” 2º) Rituais: “não haveria, portanto, começo: e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento”, ou seja, o contexto em que se encontra esse discurso é mais interessante é próprio do que sua análise em si. O autor exprime de forma clara que o discurso não tem um marco ou ponto zero, a ordem do discurso flutua em seu contexto histórico, social e político; portanto, em sua análise, o discurso não se detém em um “começo”, mas sim, em seu contexto de formação e aplicação, o que leva diretamente a 3º) análise, que é a instituição, pois,

você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele advém⁸ (Foucault, 1996, p. 7).

Assim sendo, não há dúvidas que toda ordem do discurso pronunciada é

a

inquietação em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina, inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (Foucault, 1996, p. 8).

Deste modo, as relações entre discurso, gênero e relações de poder, podem ser pensadas e analisadas também através dos escritos de Reinhart Koselleck (2014). Examinar a Revista da Semana e as relações históricas através das várias camadas discursivas que a compõem e orienta as mulheres de elite no seu ideal de feminilidade podem contribuir de modo mais profícuo para esse estudo. Segundo o autor, o tempo, pode ser analisado de 3 (três maneiras): a atualidade (tempo curto), a singularidade (tempo médio) e a repetição (tempo longo), mas cada tempo está ligado, respectivamente, à ideia de vestígio de experiência, a descoberta e o relato. Todas essas camadas historicizadas pelo viés político, social e humano podem nos levar à ideia de História não como linha do tempo habitualmente relatada, mas como experiência subjetiva narrada. A experiência subjetiva narrada, é para o autor, (e por que não para as nossas páginas da Revista da Semana), todas as ações e atividades singulares realizadas pelo sujeito histórico através de uma perspectiva histórica, que indica a sua individualidade, a sua subjetividade e a sua experiência, e que, portanto, quando relatada oralmente, escritas ou desenhada, podem levar a reflexão, e, diante disso, ao conhecimento de um determinado estrato do tempo.

Compreender as páginas da Revista da Semana, como resultado dos estratos do tempo, é compreendê-la como produto de uma prática cultural,

⁸ Destaques da autora.

temporal e localizada, intimamente ligada a sua trajetória e as suas relações e produções. É vislumbrar potencialidades e possibilidades de acesso ao conhecimento de um universo singular que ao se cruzar no plano da experiência, do tempo da singularidade, possibilitam testemunhar as relações humanas por outros olhares, através dos olhares dos estudos de gênero, e compreender que

não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, resume-se a seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável (Sarlo, 2007, p. 24).

Isto significa que, a fluidez do tempo que nos explica Koseleck (2014), é a mesma fluidez das páginas da Revista da Semana e, portanto, da experiência social, política e econômica daquele período (1900 a 1959) do/sobre o feminismo e o sufrágio feminino na cidade do Rio de Janeiro.

3.1 Comportamento, beleza e os impressos: reflexões sobre a fonte

Revistas⁹ e jornais, a mídia impressa de um modo em geral, desenvolveu modos particulares para divulgar o binômio comportamento/beleza. Surgida no início do século XX, e firmada ao longo do século, a propaganda foi e ainda é responsável por veicular ideias de caráter social, político ou cultural, possuindo como objetivo final a divulgação de produtos ou conceitos. Neste universo, ainda no século XX, surgiu a publicidade que de forma complementar a propaganda possuía objetivos mais claros e concretos quanto a sua função: a disseminação e a comercialização de artefatos e convicções apoiadas inteiramente no viés ideológico (Widholzer, 2005). Segundo a autora Nara Widholzer (2005, p. 22)

⁹ Segundo Martins (2018, p.52), a cisão entre jornais e revistas ocorreu ainda no início do século XX, quando os jornais entenderam que a sua ocupação se dava com o debate político e as revistas cabiam à reflexão cultural. Maria de Lourdes Eleutério (2018, p. 105), ao retomar essa discussão em seus escritos, afirma que "a revista reserva-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses".

a publicidade configura-se, então, como uma forma de pedagogia cultural, distinguindo-se do modelo escolar por seu apelo à emoção e aos desejos, forma de sedução muitas vezes subliminar que investe sobre o subconsciente dos sujeitos [...] *o dispositivo pedagógico da mídia*.

Logo, o que se observa é que a Revista da Semana, com seu discurso verbal e não verbal, agiu como dispositivos ideológicos da mídia. As opiniões, os gostos, as dicas e os consentimentos do que podia, ou não, uma mulher vestir, calçar e como deveria, ou não, comportar-se, foram gerados e fomentados, em sua maioria por homens, os mesmos que ditavam a moda e as condutas, reforçando um ideal e tradicional conceito sobre o espaço da mulher e as ações correspondentes ao seu "sexo" e as suas habilidades "naturais". Para Dulcilia Buitoni (2009), neste caso, os periódicos nada mais eram do que utilitarismo prático e didático de como ser mulher, reduzindo-a a sua

expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características 'naturais': domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis) sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/crianças em todos os registros, da vestimenta/alimentação aos brinquedos (Swain, 2001, p.34)

O que se produz, portanto, no campo publicitário é o que Ruth Sabat, em seu artigo intitulado *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade* (Sabat, 2001) chamou de venda de nós mesmos/as para nós mesmos/as. Para ela, é importante compreender que o "conhecimento produzido pela publicidade com as práticas de auto controle e auto-regulação que se concretizam na vida cotidiana, através do corpo, do comportamento, das relações sociais estabelecidas", está intimamente ligado aos delineamentos que

tais como aparecem na publicidade não apenas refletem as diferenças tramadas nas relações de gênero, como também ajudam a constituí-las. A reprodução da diferença se dá socialmente através da representação e tem relação direta com as relações de poder que existem na sociedade (Sabat, 2001, p. 19)

A partir destas observações, não restam dúvidas a respeito do uso utilitário da publicidade, e a venda de mulheres de papel para mulheres de carne e osso, na revista em análise. A constituição de um mercado e a criação de

necessidade de consumo desse mercado – cuja venda final é a beleza/comportamento para mulheres – crescia de forma substancial no século XX, visto que "a necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado" (Buitoni, 2009, p. 31). Mercado esse que, além do apoio das relações de gênero, utilizou a identidade como espaço para consolidação de seus objetivos.

As revistas em geral, mas em especial a Revista da Semana, utilizam como comunicação códigos de sociabilidades e convivências dessas identidades e dessas diferenças. O que estou denominando como códigos de sociabilidades e convivências é a maneira como as revistas e jornais exploraram o corpo "feminino" como porte e transporte de informações para as demais pessoas, principalmente às mulheres, dos modos de sociabilidades (indumentária, comportamentos e civilidades) e formas de convivência (postura, performances) que deveriam ser de conhecimento e uso comum de todas elas. Neste caso, a identidade e a diferença marcam hierarquias, cujas representações - "representar significa, neste caso, dizer: 'essa é a identidade', 'a identidade é isso'" (Silva, 1999, p. 22) - agem e encontram um terreno muito fértil, pois, como atos de poder, atuam através de impulsos sociais e econômicos, pois fixam

uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo das identidades e das diferenças. Normalizar significa eleger –arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é 'natural', desejável. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (Silva, 1999, p. 23)

Joël Candau, na introdução de *Memória e Identidade* (2021), afirma: “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado [...]” (CANDAU, 2021, p. 09). Para ele, existem três formas de manifestação da memória: a protomemória (relacionada aos nossos *habitus*), a memória propriamente dita ou memória de recordação ou reconhecimento (saberes, crenças, sensações, sentimentos, dentre outros) e a metamemória

(representação que cada indivíduo faz de sua própria memória e o que dela diz — filiação ao passado). A primeira manifestação, pode ser chamada de faculdade da memória, ou seja, a nossa capacidade cotidiana de executar algo, enquanto as demais manifestações podem ser chamadas, segundo o autor, de representação. E para ele, é justamente esta representação que reconstrói e atualiza as memórias em questão no presente.

Esta atualização não é coletiva, como sugere Maurice Halbwachs (1990), ela é individual, subjetiva, temporal e localizada. Os grupos não rememoram do mesmo modo, com a mesma intensidade ou com as mesmas propriedades. A representação, assim citada por Candaú (2021), é uma forma de metamemória, ou seja, é um modo de enunciado que membros de um grupo irão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos do grupo, em outras palavras, uma denominação vinculada a capacidade atestada e reconhecida por uma comunidade com denominadores em comum. Todo e qualquer sujeito, deseja ou possui interesse em deixar à posteridade imagens e/ou lembranças positivas, ou até mesmo positivadas pelo grupo social, que pertenceu. Segundo Candaú,

a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação. [...] esse ato de memória organiza os traços mnésicos deixados pelo passado: ele os unifica e os torna coerente a fim de que possam fundar uma imagem satisfatória de si mesmo. Esse trabalho da memória nunca é puramente individual (Candaú, 2021, p.77)

O processo de identidade, neste caso, atravessa o sujeito: “a lembrança, tal como dispõe na totalização existencial verbalizada, faz-nos ver que a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito [...]” cuja “[...] dependência do contexto participa, portanto, da reconstrução das lembranças.” (Candaú, 2021, p. 76), sendo assim, ao narrar à posterioridade, o sujeito seleciona, escolhe, classifica, deixando apenas efeitos de iluminação da sua trajetória, conforme afirma o autor.

As problemáticas discutidas acima são orientadas e propostas a partir das inquietações da autora e pesquisas no periódico. Para além disso, elas são

encaminhadas pelas percepções e pelas relações existentes entre a fonte, as discussões teórico-metodológicos e as percepções do tempo presente

que nada mais é do que estudar o momento presente com vistas a perceber como este momento presente é afetado por certos processos que se desenvolvem na passagem do tempo ou como a temporalidade afeta diversos modos de vida no presente (Júnior, 2009, p. 141)

Como diz Marc Bloch (Bloch, 1977, p.55) “a História é o estudo do homem no tempo”, mas esse tempo é o tempo presente, tempo que me possibilita na atualidade, pensar as relações entre a História e a memória e o discurso e o movimento feminista e o sufragista, pois esta clássica frase

rompe com a ideia de uma História que deve ser examinada apenas e necessariamente o passado. O que ela estuda na verdade são as ações e as transformações humanas (permanências) que se desenvolvem ou estabelecem em seu determinado período de tempo” (Júnior, 2009, p.141)

Tempo esse de Koselleck (2014): tempo curto, médio ou longo e as camadas que o compõem. Discurso este permeado e influenciado e, principalmente direcionado, pelas transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que escritas, desenhadas ou narradas em cada página das publicidades dos editores na Revista da Semana, demarcam espaços de poder, de memória, de discursos e de identidades. Ciente que somos nós Historiadores e Historiadoras que transformamos objetos em fontes de análise, no presente, me permite-se pensar a presente escrita também através dos escritos de Beatriz Sarlo (2007, p. 16) quando ela discute a virada linguística, dos anos 1960, e busca justamente discutir e problematizar estes estudos sobre memórias. Investindo nas discussões e problematizações sobre os novos sujeitos do novo passado, a autora passou a considerar “as subjetividades das/nas ações humanas, voltando seus olhos para a valorização dos detalhes, das originalidades, à exceção à regra, e a curiosidade que já não se encontram no presente”, ou seja, passa a analisar as discursividades da memória (Sarlo, 2007, p. 17). Para ela, a discursividade da memória circula, transita e pode compor pesquisas em toda sua existência. Ainda conforme a autora, a discursividade da

memória também pode passar pelo incessante reforço de feminilidades e masculinidades. Neste caso, podemos concluir que a Revista da Semana também executa sua discursividade da memória.

Assim, o título inicial dado à pesquisa de pós doutoramento que encontra-se em andamento na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), *Bela, Recatada e do Lar*¹⁰: uma análise da construção de modelos de mulheres modernas da elite na Revista da Semana (1900 a 1959), exige algumas reflexões: quais são as discursividades que hoje o movimento feminista e sufragista possui? O título da pesquisa, mesmo título de uma reportagem realizada com Marcela Temer, em 2016, pela Revista Veja¹⁰ é uma tentativa de retorno, ao espaço privado, especialmente direcionado ao lar às mulheres e a busca pelas feminilidades em oposição ao movimento feminista e sufragista? Como a História está traçando as discursividades da memória sobre essa temática?

Ainda não se apresenta respostas para estas questões! A pesquisa ainda em andamento, como já sinalizado, se orienta pelos constantes questionamentos, dúvidas e indagações. A cada nova página lida, pesquisada, analisada, outras e novas interrogações surgem. Mas uma certeza se apresenta: há uma relação entre História, memória e o discurso que compõem e direcionam as páginas da Revista da Semana (1900 -1959). Isso possibilita e viabiliza o acesso a universos singulares, temporais e localizados, possibilitando não uma narrativa linear, mas um relato mais complexo da relação entre comportamento, feminilidade, gênero e homens e a História do Brasil no final do século XIX e início do século XX, pois “mais do que postular uma simples correlação, precisamos pensar sobre este campo [História] como um estudo dinâmico na política da produção de conhecimento.” (Scott, 1992 *In* Burke, 1992, p. 66)

¹⁰ <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acessada dia 29/02/2024 às 14:39

4. Considerações finais possíveis até o presente

A breve análise realizada na Revista da Semana (1900-1959), indica uma posição conservadora da revista em relação à postura adotada pelas mulheres da elite, logo, como resposta ao avanço das reivindicações e manifestações feministas e sufragistas no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Imprimindo em suas páginas, modelos de comportamentos que transitavam entre as exigências de postura e bons modos nos espaços públicos e/ou privados, na atenção com o lar, marido e filhos/as e, de sobremaneira, nos cuidados com a beleza, através do uso de vestimentas, sapatos, acessórios, cremes e loções adequados para moças e senhoras distintas, bem como, e aliado a isso, reportagens e charges trazidos pelo periódico com tons irônicos e cômicos, menosprezavam a luta das mulheres pelo sufrágio.

Refletir sobre todas essas questões aliadas aos processo histórico de constituição das fontes, bem como, a construção da História e os processos de discurso, memória e Gênero que envolvem esta pesquisa, é compreender e buscar uma análise histórica baseada nos cruzamentos sociais, políticos, econômicos e culturais. É buscar o conhecimento, como nos ensina Elizabeth Jelin (2002) em “[...] otras memorias e interpretaciones alternativas, en la resistencia, en el mundo privado” (Jelin, 2002, p. 10).

Assim, valorizar os periódicos como fontes de pesquisas é valorizar o conhecimento de um universo singular que se cruza também no plano da experiência, da pesquisa, da análise e da produção científica. Testemunhar por outros olhares é observar que “não há testemunho experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, resume-se a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável” (Sarlo, 2007, p. 24).

Portanto, investigar as relações de Gênero escritas, desenhos e publicadas, no Brasil, no final do século XIX e início do século XX sobre o movimento feminista e sufragista é pesquisar sobre a História do Brasil, do próprio movimento feminista e sufragista e com isso dispor de novos olhares e

indagações, colhendo novos frutos que poderão contribuir à historiografia, para os estudos das relações de poder, seja na História, seja de modo interdisciplinar.

Referências

- BLOCH, Marc. **Apologia da História**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BUITONI, Dulcília Shroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2^a. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**: do indivíduo às retóricas holistas. In: Memória e identidade. São Paulo, 2021
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio,. –24.ed.—São Paulo: Edições Loyola, 2014
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990
- HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos das mulheres no Brasil. 1850-1940/ June E. Hahner; tradução de Eliane Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003
- JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana; Nueva York: Social Science Research Council, 2002. p. 1- 78
- JUNIOR, Dirceu Casa Grande. **Teoria da história**: história / Dirceu Casa Grande Junior. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009

KARAWEJCZYK, Mônica. As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil. **Tese (Doutorado)** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2013.

Disponível em
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72742/000884085.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 de junho 2025

KOSELLECK, Reinhart. **1923-2006. Estratos do tempo:** estudos sobre história. Tradução Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses.** O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas:** uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003

SABAT, Ruth. Imagens de gênero e produção da cultura. In: FUNCK, Susana Borneo; WIDHOLZER, Nara Rejane (Orgs). **Gênero em discursos da mídia.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença** - a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 1999

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org) **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95

WIDHOLZER, Nara Rejane (Orgs). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005

Recebido em: 14 de novembro de 2024
Aceito em: 24 de julho de 2025